

Marxismo e História

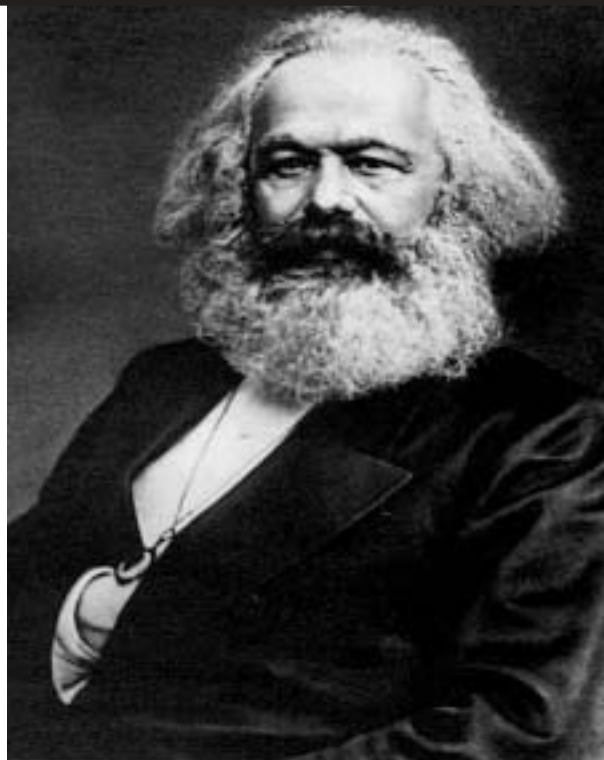
Aos 90 anos do "assalto aos céus", n.0, setembro de 2007

Revista do Grupo de Estudos e Trabalho em Teoria da História - Marx
(GETTHI-Marx)

Datas redondas em tempos quadrados

No final da primeira década do século XX os trabalhadores russos protagonizaram um evento que marcou profundamente a história do nosso tempo. Eric Hobsbawm, que conta a história do novecentos do ponto de vista dos vencidos, aponta que a política no Breve século foi dividida entre os defensores e os detratores da revolução de outubro, tal como Gramsci havia afirmado ter sido o século XIX marcado politicamente pelo grande revolução de 1789. Como não existe historiografia fora da história, a disciplina também foi e é marcada pela polarização político-ideológica. A recusa por parte da maior parte das faculdades de história em tratar da obra e do papel do marxismo nas ciências sociais só pode ser explicado pelo compromisso que estes setores possuem com o *status quo*, que é a ordem do capital.

A ordem do capital, sua lógica interna, suas leis históricas fora o objeto de estudo de toda a vida de Marx, que legou para posteridade uma obra dedicada a elucidar a anatomia da sociedade moderna, *O capital*. Sua primeira publicação no Brasil só seria feita 100 anos após sua primeira edição em 1867, e antes disso o que circularam em português foram algumas sínteses dos três livros da obra. É claro que a penetração do marxismo no meio universitário é bem anterior aos anos de



1960, sendo um marco a obra de Caio Prado Jr. Antes dele houve as tentativas dos militantes comunistas, como Otávio Brandão, Astrogildo Pereira, e os trotsquistas Mário Pedrosa, Aristides Lobo, Lívio Xavier e Rodolfo Coutinho, de entender o Brasil com o fito de realizar a revolução socialista. Mas com Caio Prado Jr., em especial após a publicação de *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), o marxismo passou a figurar entre as opções teóricas dos interpretes do Brasil, já que é também por esta época que começam a se institucionalizar (tardiamente) os cursos superiores de história e ciências sociais no país.

No meio universitário os estudos sobre *O capital* ganhariam força com a formação, ainda no final dos anos cinquenta, de um importante grupo

de estudos animado pelo ex-filósofo e tucano José Arthur Giannotti da USP. Destes encontros participaram Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Francisco Weffort e outras importantes figuras da escola sociológica paulista. O grupo ficou conhecido como “grupo d’*O capital*”, tal o afinco com que tais intelectuais dedicaram ao estudo da obra prima marxiana, e o trabalho destes autores seria extremamente marcado por este referencial teórico. (Constitui uma grande ironia da história o fato de que grande parte deste – com a exceção de nomes como Otávio Ianni e Florestan Fernandes – fez um pouco mais do que estudar o livro, passando posteriormente ao papel de intelectuais orgânicos do capital.) No campo da história, Fernando Novais foi um dos que freqüentaram estes estudos e, dando continuidade à tradição *caiopradiana*, empreendeu estudo célebre sobre o Brasil colonial. Nos anos de 1970 dois importantes marxistas brasileiros, Jacob Gorender e Ciro Flamarion Cardoso, contestaram este paradigma, apresentando a tese do “modo de produção escravista-colonial”. Controvérsias à parte, cabe apontar que estas distintas escolas de interpretação beberam na fonte do materialismo histórico dialético.

Os intelectuais do Partido Comunista, como Nelson Werneck Sodré e Alberto Passos Guimarães, não passaram ao largo destes debates e a partir de um modelo dualista – muito similar ao paradigma da Cepal – apresentaram teses que foram alvo de crítica por parte dos teóricos da dependência. Estes por sua vez também

lançaram mão do marxismo para elucidar o atrelamento do país à lógica de reprodução dos grandes centros capitalistas, tal como o próprio Caio Prado Jr. já havia feito em sua tese do “sentido da colonização”. Entre os *dependentistas* também se formariam dissidências, que se expressaram nas trajetórias políticas dos autores. Fernando Henrique Cardoso, após explicar a natureza dinâmica que o atrelamento ao capital monopolista possibilita nas economias periféricas (dinamismo este que tinha como resultado o aumento exponencial da dependência), o que por sua vez demonstrava a impossibilidade de um projeto da burguesia nacional no Brasil, restando a alternativa “socialismo ou dependência”, resolveu ser o príncipe do desenvolvimento dependente entre (1995-2002), artífice e responsável da tragédia nacional. Já Rui Mauro Marini, autor que formulou reflexões seminais sobre a dependência, ligou-se cedo as lutas pelo socialismo e nunca mandou esquecer o que escreveu, militou na organização revolucionária Polop nos anos de 1960 e esteve ligado estreitamente a onda revolucionária que impulsionou a formação da OLAS em Cuba, no final daquela década. Após estadia no Chile, exilou-se até o fim da vida no México, percorrendo importante carreira docente.

Mas não é possível contar a história da difusão do marxismo no Brasil sem falar de um grupo de intelectuais, originalmente ligados ao Partido Comunista, pelo papel que cumpriram na divulgação do pensamento marxista: Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. Através do trabalho editorial de Ênio da Silveira, da editora

Civilização Brasileira, o público brasileiro pôde ter conhecimento, já nos anos 60, a obra de Antonio Gramsci, autor cuja relevância no entendimento da contemporaneidade dispensa comentários. Outras editoras, como a Paz e Terra e Zahar, editaram inúmeros textos traduzidos por Konder e Coutinho. Ao lado de personalidades como José Paulo Neto e outros, este grupo escreveu um capítulo importante na divulgação do pensamento crítico no Brasil, e ainda hoje exercem forte influência na formação de novas gerações de marxistas brasileiros.

Este impulso ao marxismo a partir dos anos sessenta teve como motivo imediato o impacto da Revolução cubana de Castro e Guevara, que tirou o sono do imperialismo e da classe dominante brasileira. Tal como o medo do *haitianismo* no início do século XIX – expressão na periferia da Revolução francesa –, o medo da *cubanização* trouxe as labaredas revolucionárias para o pé da cama da burguesia. Trata-se de um medo muito antigo, anterior mesmo a 1917, como constatou o historiador Renato Lemos que levantou acusações de “comunista” ao artífice da conspiração republicana Benjamin Constant, por este defender um ensino escolar para cegos em meio à conjuntura de repercussão da Comuna de Paris (1871) (*Benjamin Constant, vida e história*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, 231 e *passim*). Por este período dos idos dos anos de 1960, as classes subalternas deram um salto ao centro da cena política; no campo com as Ligas Camponesas e na cidade com o rebelde movimento sindical.

Estudantes e setores da intelectualidade puseram-se criticamente ao lado dos movimentos sociais e procuraram no marxismo o guia de suas reflexões e práticas sociais. O golpe empresarial-militar criou de imediato um paradoxo observado argutamente por Roberto Schwarz: “*Apesar da ditadura da direita há relativa hegemonia cultural da esquerda no país.*” (“Cultura e política, 1964-1969.” *O pai de família e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.62, grifo do autor). É uma piada falar deste período inicial em “ditadura envergonhada”, pois a repressão bateu forte nas organizações populares, sindicais, estudantis e do campo. Apesar do desenvolvimento da resistência nas ruas ao regime discricionário, especialmente no ano de 1968, no ano seguinte estava institucionalizada a ditadura do capital monopolista.

É neste período mais fechado do regime que diversos autores apontam a influência do marxismo-estruturalista de Louis Althusser, cujo resultado fora, segundo Hobsbawm, uma certa moda pela “teorização pura”. No campo da história não se pode falar de uma grande influência althusseriana, exceto no trabalho de fôlego do historiador Manuel Maurício de Albuquerque, mas não se pode negar que a historiografia que se dedica aos temas mais contemporâneos tenha certa dívida com os trabalhos de cientistas sociais como Miriam Limoeiro Cardoso, Décio Saes, Caio Navarro de Toledo e Armando Boito Jr, que produziram e ainda continuam produzindo – como é o caso de Saes e Boito Jr. – com forte influência da leitura do pensador argelino aos pensamentos de Marx e Engels. Este grupo, que

a mais de dez anos edita a revista *Crítica Marxista*, em conjunto com intelectuais de outras matizes, e anima na Unicamp o importante Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), que, a cada dois anos, realiza um colóquio de caráter internacional bastante prestigiado pelos estudantes brasileiros.

Em 2005, por iniciativa de uma série de historiadores brasileiros iniciou-se a formação de um Grupo de Trabalho de Marxismo e História no âmbito da Associação Nacional de História (ANPUH). Presidido pela historiadora Virgínia Fontes (UFF/Fiocruz), o GT conta com profissionais dos quatro cantos do Brasil, tendo já se organizado também em encontros regionais e tendo no próximo ano a realização de um encontro nacional em Goiás. Nestes encontros é possível perceber um número razoável de pesquisas de qualidade feitas a partir do materialismo histórico dialético, atraindo o grande público, o que denota uma procura importante sobre o tema. As pessoas querem saber porque seus professores ou escondem, ou simplesmente falsificam de forma escandalosa a teoria de Marx e de seus controversos discípulos.

Cada vez que surge luta, cada vez que as classes deixam a luta velada e passam a luta aberta, especialmente quando trocam a arma da crítica pela crítica das armas, o pensamento de Marx apresenta-se como suporte imprescindível para a ação. E foi no envolvimento com as tarefas do movimento estudantil e com a necessidade prática de responder aos ataques grosseiros que professores desqualificados deferem contra o marxismo (além da urgência da formatura e o

ingresso no mundo do trabalho), um grupo de alunos do curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro resolveu dedicar parte do seu tempo semanal, ao longo dos últimos anos, ao estudo sistemático dos textos de Marx e da historiografia marxista. O compromisso militante dos participantes, além do apoio e o estímulo de diversos professores da casa como Renato Lemos, Anita Prestes, Jessie Jane, Carlos Ziller, e também do curso da Universidade Federal Fluminense, como Virgínia Fontes, Marcelo Badaró Mattos e Adriana Facina, tem sido de capital importância no avanço de nossos estudos e na realização de diversas atividades. Mas não podemos nos furtar de lembrar do apoio de professores de outros campos teóricos, como José Paulo Netto, a quem nossos integrantes têm se dirigido constantemente com o fito de aprofundar o estudo da crítica da economia política feita por Marx.

Com o objetivo de dar continuidade a estes trabalhos, convidamos os estudantes ifcsianos (e não só) para participar desta tarefa militante, realizando os estudos e organizando os eventos. Talvez assim possamos contribuir na construção do conhecimento crítico, suporte imprescindível à mudança social.

GETTHI-Marx, setembro de 2007